

## (EN) CENAÇÕES & PRÁTICAS DISCURSIVAS EM GÊNEROS E SEXUALIDADES: NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA NO GRUPO DE TEATRO GAY MUTART.

Autor: Erick Naldimar dos Santos/ *Universidade Federal da Bahia/ UFBA* - [enaldimar@hotmail.com](mailto:enaldimar@hotmail.com)  
Co-autor: Juliana Rodrigues Salles/ *Universidade Federal da Bahia/ UFBA* - [julaysalles@hotmail.com](mailto:julaysalles@hotmail.com)  
Orientadora: Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti/ *Universidade Federal da Bahia/ UFBA* - [vanessa.cavalcanti@uol.com.br](mailto:vanessa.cavalcanti@uol.com.br)

### Resumo

Fundado em 1981, na cidade de Senhor do Bonfim, no semiárido baiano, o Grupo de Teatro Mutart vivenciou e experienciou o início do período da abertura política no Brasil. A percepção estética do universo das artes cênicas caracteriza um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana, sendo essa ação tão plural, dinâmica e significativa. Assim, o objetivo deste trabalho é compreender e discutir as contribuições e os enfrentamentos vivenciados pelo Grupo de Teatro (gay) Mutart e refletir como esse discurso identitário sofreu restrições à liberdade de criação e opinião nos espaços formais e não formais de educação da região. O Grupo de Teatro Mutart ressignificou a tradição junina trazendo para os palcos Bonfinenses a peça “Casamento Trocado”, uma maneira de (des) construir sentidos petrificados no que diz respeito à supremacia das masculinidades sobre as feminilidades. As ações das forças que estão sempre circulando, mantêm-se uma relação de lutas e de choques que de alguma maneira atribui um sentido singularizado pelo próprio modo de ser. Com isso, o sertanejo apresenta esta capacidade de legitimar seus ideais, interesses, saberes e suas relações produzidas. Esta singularidade do sertão destaca o meio social (sertão) e o sujeito (sertanejo) numa relação de plena transformação e ressignificação. Existem mais cores, flores e sonhos no Semiárido do que se costuma vislumbrar, para tanto, faz-se importante a carência dele se perceber no seu cotidiano, ferver suas subjetividades por uma nova relação ética-estética-política.

**Palavras-Chave:** Grupo de Teatro (gay) Mutart, Sexualidades, Semiárido Baiano, Subjetividades, Educação.

**TEMATIZANDO:** Ato 1 –Ao abrir das cortinas!

Treinada pelo dualismo metafísico ocidental, a sociedade desenha os sujeitos como se a mente estivesse presente e os corpos não. A concepção que se naturalizou pelo binômio homem/mulher há muito vem sendo repensada e trazendo para além do habitus (Bourdieu, 1974,1983) a complexidade e novos olhares e performances (Butler,2003). Isso se explica pelo fato de não haver papéis/funções sociais biologicamente inscritos; há circularidade e *traffic* (Gayle & Butler, 2003). As ações das forças que estão sempre circulando, mantêm-se uma relação de lutas e de choques que de alguma maneira atribui um sentido singularizado pelo próprio modo de ser.

Esse processo de deslocamento não constitui o indivíduo como uma entidade engessada, mas provisória, fluida, configurando o vigor da ação dessas forças como algo variável. Assim, a temática desse projeto perpassa pela *(EN) Cenações e Práticas Discursivas*

*em Gêneros e Sexualidades, e seus efeitos na constituição dos processos intersubjetivos. A interseccionalidade e as conexões entre identidades e contextos não poderá ser descartada, reforçando metodologia qualitativa e de aporte técnico a partir de narrativas teatrais e vivências como sujeito-ator do Mutart.*

Ao abordarmos a categoria identidade, tomamos como referência o conceito de Berger (1986, p.112), quando este afirma que “a identidade é atribuída socialmente, sustentada socialmente e transformada socialmente”. Em outras palavras, é algo que se constrói na medida em que nos adaptamos ou não a conceitos sociais pré-definidos. A “identidade não é uma coisa pré-existente; é atribuída em atos de reconhecimento social. Somos aquilo que os outros creem que sejamos” (1986, p. 113). As novas formas de compreensão das identidades de gênero, que foram desenvolvidas a partir das transformações sociais ocasionadas pela revolução ética, moral e tecnológica, ressignificaram o papel das instituições e assumiram o seu protagonismo na mesa de debates da família brasileira. Assim, tiraram do anonimato grupos outrora invisibilizados (Cavalcanti & Gomes, 2015). Evidenciamos que “a politização do privado descortina-se como pauta e agenda, e não mais como um dos silêncios da esfera doméstica que caracterizavam o final do século XIX e a primeira metade do XX” (CAVALCANTI, 2005).

As maneiras diversificadas de vivenciar as formas de gêneros e sexualidades corroboram para compreender que existe uma transcendência aos fenômenos dos corpos e à conceitos que se restringem à genitália. Entre ser, estar, performatividade e vivências, corpos e expressões humanas se caracterizam em diversas fases da vida e das identidades. É sob a perspectiva daquilo em que podemos nos tornar e como temos sido representados, que compreenderemos de que maneira acontece a influência sobre essa representação e de como podemos constituir as nossas subjetivações. Encontrar nas inúmeras possibilidades de enfrentamentos, contestação e subversão do poder, uma maneira de ser reconhecidos, utilizando de práticas políticas, educativas e culturais e fazendo ecoar vozes por espaços nunca antes visitados.

### **PROBLEMÁTICA:** Ato 2 - Entre Dramas e Tramas

Em pleno século XXI e diante das profundas transformações sociais e culturais, não cabe mais conceber que afirmativas, sobre gênero e sexualidades, ainda ocupem espaços que fomentem discussões e terminem em tons vilipendiosos. Os tempos são outros e essas concepções nos encaminham para reflexões sobre cultura, sociedade, biologia e a própria

natureza, identificando uma sociologia das presenças (Souza Santos, 2002) e de ecologia de saberes (Souza Santos, 2007, 2010), para além de expressões de intimidade e performance, levando em consideração as transformações e vivências dos indivíduos sob a perspectiva de pessoas nas margens das prioridades políticas<sup>1</sup>. Sendo assim, a história da sexualidade não pode ser pautada no “discurso de silêncio”, de apagamento, mas um incitamento ao discurso sobre o sexo, uma vez a sexualidade configurar esse dispositivo histórico (FOUCAULT, 2003).

A dimensão política da vida nos adverte à inevitável produção de diferenças de si e do outro, daquilo que somos e que ainda podemos ser, sob uma perspectiva de não ensejar num discurso de esquecimento, silenciamento e exclusão. São direções insuspeitas dos processos subjetivos que, figuram os fluxos entrecruzados ao seu intrépido modo de se tornar outros e convocar alteridades. É o cuidado consigo mesmo que não torna a vida rígida a ser seguida como modelo institucionalizado e imposto. “O cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária” (Foucault, 2006, p. 271). Assim, existe numa relação “singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo e, enfim, a ele mesmo” (FOUCAULT, 2010, p. 50).

Diante desse cenário, faz-se necessário compreender, através da (auto) biografia do Grupo de Teatro (gay) Mutart<sup>2</sup> como as práticas discursivas, em gênero e sexualidades, sofreram restrições à liberdade de criação e opinião no que se refere a constituição de seus processos de subjetivações? Estava a sociedade aberta aos discursos pautados nas/pelas diferenças para que se efetivasse os processos intersubjetivos? Por que há uma ausência de estudos sobre o Grupo de Teatro Mutart, uma vez que, este grupo revestiu dos discursos sócio históricos, culturais e políticos, para permear sua formação e constituição (inter) subjetivas? A partir dessas interrogações, pretendemos indicar processos e temporalidades, não como algo espontâneo somente – mas como resultado de emergências (sociologia das presenças e das ausências, das expressões humanas e sociais em sua pluralidade e complexidade).

### **CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA: ATO 3 – Luz, Câmera, Ação!**

<sup>1</sup> A referência de intimidade e prioridades políticas estão associadas ao Projeto INTIMATE – *Cidadania, Cuidado e Escolha: A Micropolítica da Intimidade na Europa do Sul* que, teve início no Centro de Estudos Sociais em Março de 2014. O que justifica e integra plano de atividades de cumprir estágio doutoral nessa instituição, caso aprovada bolsa.

<sup>2</sup> O Grupo de Teatro (gay) Mutart surgiu na década de 80, na cidade de Senhor do Bonfim, em plena abertura política. A década de 80 foi marcada por encenações com temáticas que abordavam gêneros e sexualidades; a década de 90 recebeu artistas trans e os anos 2.000 esse grupo veio a se transformar em agência artística e de produções.

É a parte derradeira do século XX que, atualiza os modos de subjetivação e as possibilidades de resistências, tornando-os atos políticos e de lutas pelos direitos humanos, uma vez percebemos “uma crescente insensibilização no que tange a violação desses direitos” (Cavalcanti, 2013, p. 109). São violências sobrepostas (Cavalcanti, 2015) e transitam nos campos interdisciplinares ou transdisciplinares (Castro, 2011). Rompemos com essas violações quando propomos uma abnegação ao individualismo estigmatizado do cotidiano, ao abandono às regras sociais e universais obrigatórias e o rompimento de narrativas de forte cunho patriarcal (Martins, 2011) assim faremos mover as descobertas microssociais de novas possibilidades de viver e de existir, viabilizando o contato com as diferenças.

As propostas atuais não possibilitam descobrir o que somos, mas em recusar quaisquer tipos de formação da identidade que, obriguem uma essencialização do ser. Essas práticas propõem falar desses “sujeitos interculturais” (Canclini, 2005), e os efeitos produzidos pelas infinitas possibilidades de existência que, exigem questionamentos e produção de sentido para essas novas escolhas e modos de viver. “Uma arte da existência que gravita em torno da questão de si mesmo, de sua própria dependência e independência, e do vínculo que se pode e deve estabelecer com os outros (Foucault, 2003, p. 234). Assim, inserimos transformações dos modos de subjetivação contra as formas de dominação, sujeição e a submissão, sejam elas: ética, educativa, religiosa ou social. As esferas e interconexões relacionais e identitárias são categorias analíticas fundamentais, versando sobre interfaces entre as Ciências Sociais e Humanas, daí também o propósito de uma investigação doutoral inter-transdisciplinar.

Louro (2004, p. 7 - 16) afirma que aqueles que se encorajam em expressar suas sexualidades são alvos de vigilância redobrada, e cabe a nós questionar essa normalização, buscando na inquietação, estremecer práticas discursivas autoritárias e excludentes. Aposta em articulações que ponham em “movimento o subversivo”, arrisquem o impensável, façam “balançar estabilidades e certezas”, pois acredita que mesmo diante de tanto disciplinamento, há aqueles que transgridem arranjos e subvertem as normas. Sair da “rota fixada” é se tornar alvo preferencial de ações corretivas e punitivas. Em tempos sombrios (Arendt, 2014), mais do que trabalhar com as dimensões macrossociais, o campo de resistências é transposto para as artes como refúgio e lugar de expressividade.

As marcas de um corpo classificam e hierarquizam os sujeitos, regidas de maneira silenciosa pelas regras da heteronormatividade. Sujeitos dissidentes não buscam ser “integrados”, “aceitos” ou “enquadrados”; o que anseiam é romper com uma lógica que, a favor ou contra, continua se dirigindo à identidade central,

assumindo-se como “estranhos, esquisitos, excêntricos” (Louro, 2003, p. 8). Preferem encontrar nas inúmeras possibilidades de lutas e enfrentamentos, uma maneira de ser reconhecidos e fazer sua voz ecoar nas reexistências, transgressões e rebeldias. O Grupo de Teatro (gay) Mutart foi capaz de revelar no indivíduo, suas potencialidades e importância vital perante suas vivências no semiárido baiano. Foi responsável por minimizar a passividade e o papel secundário diante da vida e, colocar-se como atores e agentes transformadores da própria história (Santos, 2016, 2017). Fundado em 1981, o Grupo de Teatro Mutart vivenciou e experienciou o início do período da abertura política no Brasil. Esse ideal democrático ganhou força e diversos setores da sociedade, inclusive o setor artístico-cultural, imprimiram suas concepções, anseios e visões de mundo.

O tempo dos lugares heterogêneos, é esse momento preciso, onde desaparece esse imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída. “Não há mais uma continuidade retrospectiva, mas colocar a descontinuidade à luz do dia” (Nora, 1993, p. 12). Sobre essa constatação, há que se aproximar, ademais, do problema das “memórias clandestinas e inaudíveis” que permanecem intactas até o dia em que “possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “não-dito” à contestação e à reivindicação” (POLAK, 1989, p. 9).

#### **JUSTIFICATIVA E ABORDAGEM EPISTEMO-ONTOLÓGICA ATO 4: Um palco de possibilidades**

É o tempo e o espaço que estão sendo reorganizados e atuando de maneira transformadora na vida social cotidiana, através de políticas sociais e da diversidade (Macedo, 2008). Isso mostra que as “alianças são transitórias e as verdades mudam aceleradamente. Tudo é descartável, substituído e, logo depois, substituído de novo” (Thürler, 2011, p. 14). Para uma produção de sentidos nessas “alianças transitórias”, é preciso pensar práticas discursivas que promovam a igualdade de oportunidades, a inclusão e a integração social.

As décadas de 70 e 80 foram marcadas por esses debates e lutas libertárias, como foi o caso da Revista Lâmpião da Esquina (2016), um jornal homossexual brasileiro que circulou durante os anos de 1978 e 1981, do Dzi Croquettes (2017), grupo de teatro que fazia ecoar a irreverência e o discurso transgressor, bem como, o Grupo Vivencial (2017) regido pela contracultura e o movimento tropicalista. No que concerne aos estudos de gênero, esses movimentos eclodiram em diferentes partes do país e que objetivavam algo em comum: condições de uma vida melhor permeada por justiça e igualdade, conforme podemos ratificar

em Trevisan (2004).

A representação pautada neste projeto de pesquisa tem como objeto o Grupo de Teatro (gay) Mutart, justamente, por se tratar de uma expressão artística que, serve para debruçar sobre o recorte de práticas discursivas em gênero, sexualidades e seus efeitos nos processos de subjetivações. Por esse caminho, traçaremos uma leitura transversal, cultural, política em que os desdobramentos contemporâneos articulem de forma a oferecer sentido nas pluralidades dessas vozes. Quem é representado como diferente, torna-se indispensável para a abertura de novos debates, assim Foucault (2007) nos diz que, normalizar os sujeitos no que concerne o gênero, é coloca-los frente aos mecanismos de poder, disciplinamento e regulamentação. Essa maneira de perceber o mundo e nele agir é uma maneira de compreender de que forma esses modos de subjetivações são construídos e disseminados. Enquanto a memória hegemônica se esforça em eliminar ou apagar as memórias subalternas, existem sujeitos pesquisadores que insistem em manter a chama acesa, e trazer para o palco do conhecimento, as formas que essas memórias são (des/re) construídas. Por meio dessa concepção, deslocamos sobre a ótica da reconstituição de si mesmo e do outro, definindo o lugar e suas sociabilidades sociohistórico, cultural e política.

#### **OBJETIVO GERAL:** ATO 5 - Ecos e vozes no palco!

- Compreender e discutir as contribuições e os enfrentamentos vivenciados pelo Grupo de Teatro Mutart, da cidade de Senhor do Bonfim, no semiárido baiano, e investigar, através de (auto) biografia, como os efeitos das práticas discursivas, em gênero e sexualidades, desse grupo sofreram restrições à liberdade de criação e opinião na construção de seus processos de subjetivação.

#### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Registrar e preservar a memória histórica e as contribuições do Grupo de Teatro (gay) Mutart, ratificando a importância da pluralidade cultural e suas interfaces com outras vozes dissidentes;
- Realizar um levantamento etnográfico no que tange a organização interna do grupo e relacionar elementos sócio simbólicos que abordam a dimensão sociológica entre vida e teatro;
- Refletir sobre os efeitos do discurso em gênero e sexualidades através Cena/dramaturgia Gay do semiárido baiano e como se dava o processo de (in)

visibilidade do Grupo de Teatro (gay) Mutart

- Analisar se os espaços de vivências e experiências repensa (va) e pluraliza (va) debates nesses campos de lutas e conflitos simbólicos que se dá nas/pelas diferenças;

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TRAJETÓRIAS TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS: ATO 6 - Entre rubricas e deixas teatrais!**

O caráter metodológico que insere a abordagem (auto) biográfica-narrativa se apropria da complexidade em atribuir valor ao indivíduo e ao meio sociocultural em que acontece a produção de sentidos plurais e seus significados. Na relação, entre o individual e o coletivo, se constrói subjetividades quando contribui com a história, memória dos sujeitos em seus lócus e as relações com os valores e vínculos sociais, perpassando pela “transculturação” (Ianini, 2000). Ao refletir as possibilidades epistemológicas, quanto as narrativas (auto) biográficas, buscaremos interfaces com as questões em gêneros e sexualidades. Por esta lente, inserimos o papel da experiência em que os sujeitos são constituídos, Scott (1999) e a efetiva trajetória histórica que, conforme Bourdieu (1996), se dá nos deslocamentos do espaço social e suas transformações.

Vieira (1996) afirma que, aquilo que foi vivido e narrado concebe sentidos que “elevam os lugares das sociabilidades” quando abordados pelo método biográfico comparativo, perpassando pela “autoanálise biográfica, etno-análise e a antroponálise”, assim percebemos a história dialogando “com todo contexto social” (Benjamin, 1994, p. 223). Quando há a necessidade de buscar os recônditos das experiências passadas, é porque o contexto atual solicita sentido, e assim, o coloca em evidência, (re) construindo silêncios, espaços inexplorados, omissões, ecos e uma dignidade negada a ser negociada.

Eis a concepção mais ampla da abordagem (auto) biográfica adotada nesse projeto, em que, não se vale apenas das histórias narradas pelas próprias pessoas, mas usar outras fontes que subsidiem a memória histórica, levando em consideração as relações de intersubjetividade, aprendizagem e experiência. A memória ocupa lugares, não lugares, rasuras, tensionamentos e rastros que, dialogando com uma história escrita na/pela diversidade, contribui para elevar memórias subterrâneas silenciadas. As dimensões culturais, políticas e simbólicas da experiência humana são mutáveis e movediças. A relação entre cultura e política não pode ser vista como simples dimensões que remetem a instâncias de dominação ou de resistência simbólica, mas que, se movimentam através das diferenças e das

vozes dos atores que exercitam a interlocução e promovem discursos intersubjetivos.

Cotejaremos as novas configurações e formatos culturais do mundo contemporâneo, seus conflitos simbólicos e as vivências e experiências do Grupo de Teatro Mutart. Novos deslocamentos surgem, demonstrando a necessidade de investigar o funcionamento de práticas culturais que fazem circular discursos de disciplinamento, o que reforça o nosso papel de problematizar, discutir e propor uma política emancipatória e afetiva. Assmann (2011, p. 155) contribui com esse pensamento quando afirma que, “uma cultura que se diferencia e automatiza, que se posiciona em face da pluralidade de sua diferença interior” se estende para “sua diferença exterior”.

Para Benjamin (2012, p. 220) a narrativa não se esgota, mas conserva suas potencialidades e após muito tempo ainda é capaz de desdobramentos, de novos significados. Sobre isso, Hannah Arendt (2005) também defende o despedaçamento do passado, da tradição e podemos confirmar quando a mesma afirma “O tempo não é um contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão; é partido ao meio”, consegue desmembrar “o contínuo temporal em forças que, então, por se focalizarem sobre a partícula ou corpo que lhes dá direção, começam a lutar entre si e a agir sobre o homem” (Arendt, 2005, p. 89).

Quando práticas culturais assinam novos conflitos sociais e simbólicos, formam sujeitos que protagonizam lutas nos campos sexuais, geracionais, étnicos, em forma de resistência, subversão, descontinuidades e transgressões. Alternativas que, pretendam a emancipação devem romper com as amarras da alienação, ou seja, “de todos os aspectos da vida, que contradiz o desenvolvimento do sujeito ético moral e a realização de Justiça Social” (Silva e Cavalcanti, 2015, p. 66). A cultura aqui é compreendida como ação/práxis política e que matiza zonas fronteiriças entre poderes e sexualidades, ademais de contemplar uma metodologia histórico-narrativa, aproximando interfaces de áreas do conhecimento, especialmente História/Memória, Artes e Política. Nessa perspectiva, o presente projeto se justifica na medida em que propõe aprofundar conhecimentos nesta temática, impactos, consequências e fatores associados. Como contribuição social, o estudo visa possibilitar a interlocução entre diferentes áreas do conhecimento, estimulando a interdisciplinaridade (ou pelo menos aproximações transversais), fundamental à implementação de medidas de prevenção, nos diversos contextos sociais.

Voltados para um contexto de violências sobrepostas (Cavalcanti & Costa Gomes, 2015) e de dimensões nos âmbitos da justiça e cidadania,

direcionamos nossos olhares pelo campo das tensões e das constituições de redes de proteção e apoio, pois julgamos necessárias e essenciais, ainda mais com a delimitação escolhida. Vale o uso da categoria “violências sobrepostas” para incluir a multireferencialidade, complexidade e o longo processo de vulnerabilidades, exclusões e tipologias vivenciadas de violência, identificando diversas violações e violências sofridas e promovidas também por instituições e modelos jurídico-institucionais de não proteção, especialmente por grupos de sujeitos como mulheres, comunidade LGBT, questões étnico-raciais, etc. (Cavalcanti & Costa Gomes, 2015; Cavalcanti, 2017). Por ser uma problemática social e que produz transformações significativas é um processo profundamente marcante tanto em contexto familiar quanto individual e institucional.

### **REFERENCIAL TEÓRICO: ATO 8 - Sob a luz dos holofotes!**

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 350.

\_\_\_\_\_. **Homens em tempos sombrios**. Trad. Denise Bottmam. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: o dilema da subjetividade contemporânea**. Trad. de Paloma Vidal. – Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. de Paulo Soethe. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2011.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. V.1.

\_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8º ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 256.

BENTO, Berenice. **Brasil: país do transfeminicídio**. Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM), 2014.

BERGER, P. L. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. (Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **A ilusão biográfica**. In. AMADO, J. e FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO,

Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva — Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. Quem fala e em qual lugar: sujeitos simulados e pós-construtivismo. **In: Diferentes, desiguais e desconectados**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CASTRO, Mary Garcia. **Interdisciplinaridade e os estudos sobre família- Notas, decolando de leituras da produção/prática do Programa de Pós-Graduação em Família na sociedade contemporânea, UCSAL**. In CASTRO, Mary Garcia – “Por uma epistemologia interdisciplinar no campo das humanidades”- a ser publicado pela FAPESB, org. Terezinha Fróes, 2011.

CAVALCANTI, V. R. S.; MELO, N. V. . **Não me fale das flores: Um breve ensaio sobre os Direitos Humanos e interesses globais**. CIENTEFICO, v. 13, nº 26, Edição Especial, Fortaleza, jul-dez, 2013.

CAVALCANTI, V.R.S. & GOMES, G.E.B.C. Violência(s) portas adentro: categorias relacionais como gênero e famílias em foco interdisciplinar. In: BASTOS, A.C.; MOREIRA, L.V.; PETRINI, G. & ALCÂNTARA, M.A. (Orgs.). **Família no Brasil: Recurso para a pessoa e sociedade**. Curitiba: Juruá, 2015, p.313-338.

CAVALCANTI, V. R. S & MENEZES, M. R. C.. Direitos e Tempos Virtuais: violências contra a mulher na cibercultura. Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades (Online), São Paulo, n. 14, maio a outubro de 2016, pp. 1-29. Disponível em [www.revistacontemporaneos.com.br/n14/dossie/direitosestemposvirtuais.pdf](http://www.revistacontemporaneos.com.br/n14/dossie/direitosestemposvirtuais.pdf) Acesso em 27/12/2017.

COLLING, Leandro. **A igualdade não faz o meu gênero – Em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil**. *Contemporânea*—Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 3, n. 2, jul.-dez. 2013, pp. 405-427.

DELEUZE, G. **Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**. Tradução de Luiz. L. Orlandí. São Paulo: Ed.34, 2001.

**DZI Croquettes**. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo399377/dzi-croquettes>>. Acesso em: 21 de Nov. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o cuidado de si*. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. "Outros espaços". In: **Ditos e escritos III - Estética: Literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 411-422.

\_\_\_\_\_. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos (v.V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. Verdade e poder. In: MACHADO, Roberto (Org.). **Microfísica do Poder**. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007, p. 01-14.

\_\_\_\_\_. **Hermenêutica do sujeito**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

**GRUPO de Teatro Vivencial**. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo514477/grupo-de-teatro-vivencial>>. Acesso em: 21 de Nov. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

**GRUPO DIGNIDADE**. Jornal Lâmpião da Esquina. Disponível em <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acessado em 03 de maio de 2016.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um Novo Paradigma Estético**. São Paulo: ed. 34, 1992.

IANINI, Octávio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.) **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2003.  
\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2004.

NORA, Pierre. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15

RUBIN, Gayle; BUTLER, Judith. **“Tráfico sexual: entrevista”**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 21, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a08.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.

SANTOS, Ana Cristina. **INTIMATE - Citizenship, Care and Choice: The Micropolitics of Intimacy in Southern Europe**. Disponível em : [http://www.ces.uc.pt/intimate/index.php?id\\_lingua=1](http://www.ces.uc.pt/intimate/index.php?id_lingua=1). Acesso em 27 de Dez de 2017.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para uma sociologia das ausências e das emergências**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, 237-280, 2002.

\_\_\_\_\_. **“Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social”** – São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. **“Para Descolonizar Occidente: más ala del pensamiento abismal”** – Buenos Aires: Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales – CLACSO: Prometeo libros, 2010.

SANTOS, Erick Naldimar. **História do Grupo de Teatro Mutart**. Senhor do Bonfim, 20 de Out. 2016. 1 arquivo mp3 (2:21:20). Entrevistador: Erick Naldimar dos Santos.

\_\_\_\_\_. **Um palco de vozes, lutas e subjetivações no Grupo de Teatro (gay) Mutart no semiárido baiano**. XIII ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2017.

SARDENBERG, Cecília. **De sangrias, tabus e poderes: A menstruação em uma**

**perspectiva transcultural.** *Revista Estudos Feministas*, vol. 2, nº 2, 1994, p.314-344.

SILVA, Salete Maria da ; WRIGHT, S. J. . **Uma reflexão feminista sobre o conceito de justiça de gênero.** *Revista de Teorias da Justiça, da Decisão e da Argumentação Jurídica* , v. V. 2, N. 1, p. 216, 2016.

SCOTT, J. Experiência. In. LAGO, M. C. et alli. **Falas de gênero: teorias, análises, leituras.** São Catarina: Ed Mulheres, 1999.

THÜRLER, Djalma. **Dzi Croquettes: a instabilidade como imperativo, o hibridismo como riqueza.** *IX Reunião de Antropologia do Mercosul*, 2011, Curitiba. In <http://www.ram2011.org> (Acessado em 02 de setembro de 2011).

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** 6ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Record, 2004

VIEIRA, R. **Da infância à adulez: o reconhecimento da diversidade e a aprendizagem da interculturalidade.** In. ITURRA, Raúl (org.) *O saber das crianças.* Cadernos ICE. Lisboa, Instituto das Comunidades Educativas, 1996.